

O olhar que não quer ver¹

Idanir Ecco*

Cada escola é uma unidade de trabalho, que está inserida em um contexto complexo de situações repletas de estratégias pessoais de sobrevivência, contextos históricos e experiências regionais e locais.

Maria de Lourdes Rangel Tura

Quase todas as pessoas, em determinado momento ou fase do viver, realizaram a contato com o sistema escolar. Mesmo os indivíduos a quem foi negada a oportunidade da escolarização sabem da existência da instituição escola, *aspirada* ou *renegada*. No entanto, o seu “funcionamento”, seu emaranhado, sua “ideologia”, suas finalidades permanecem obscuros, inclusive para profissionais da educação, também regentes do “coreto” escolar.

A obra objeto desta resenha é de Maria de Lourdes Rangel Tura, professora no ensino superior, com dedicação à pesquisa e à docência, assessora de escolas de educação básica, permite-nos um encontro com uma escola viva, com diferentes articulações, espaços, tempos e relações. Apresenta a escola numa complexidade instigante/preocupante, porém, num estilo encantador, envolvente, desvelando um contexto de contradições, sonhos, fracassos, resis-

* Professor na rede pública de ensino, mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Passo Fundo.

¹ Resenha baseada na obra de TURA, Maria de Lourdes Rangel. *O olhar que não quer ver: histórias da escola*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2000. 211p.

tências alternativas... e demonstrando, também, que, neste conjunto de situações, acontece o ensinar/aprender.

O livro divide-se em três capítulos, que se subdividem em pequenas partes, apresentando os dados da investigação e os processos de análise e de reconstrução analítica que o trabalho de campo engendrou; possibilita, assim, uma leitura agradável, cativante e convidativa. A investigação apresentada e descrita nesta obra volta-se para o interior da escola, local onde foi realizado todo o trabalho.

O lócus investigativo é um colégio da rede pública do município do Rio de Janeiro e o objetivo é inquirir como se comunicavam no interior de uma escola pública as duas diferentes culturas de maior destaque no contexto pedagógico: a dos professores e a dos alunos, focalizando sua circularidade e sua interação (p. 11). O trabalho foi desenvolvido com turmas de quinta a oitava séries do ensino fundamental, abrangendo seus pais e professores. Portanto, o objeto de pesquisa está bem determinado e localizado.

Predominantemente, adota a pesquisa de campo como centralidade para a efetivação do trabalho, pois os fatos e os fenômenos são observados tal como ocorrem espontaneamente, de forma natural, no local, isto é, na referida escola, correspondendo à coleta direta de informações. Em todas as etapas da investigação – na preparação da inserção, descrição e transcrição de dados – Tura – desenvolve todo o procedimento da pesquisa de campo; emprega também elementos da pesquisa etnográfica para melhor captar, interpretar e compreender as diferentes manifestações da realidade contextual pesquisada.

Os procedimentos e/ou o uso de técnicas são diversos, compreendendo questionários respondidos pelos alunos, entrevistas informais e semi-estruturadas, trabalhos pedagógicos, relatos de experiências, observação e, logicamente, o registro minucioso dos dados coletados junto ao universo pesquisado.

São relevantes, em todo o trabalho, as seguintes etapas: observação e/ou levantamento de dados, constatação do problema, descrição minuciosa de como ocorre (o problema constatado) no contexto escolar, sua análise e interpretação à luz de um referencial teórico. Neste particular, faz-se valer de idéias/teorias de diferentes autores, como por exemplo: Ezpeleta e Rockwell, Bogdan, Arroyo, Geertz, Carspecken e Apple, Bakhtin, McLaren, Bourdieu, Giroux, Montero, Paulo Freire, Sacristán, Popkewitz.

No período de observação a que se tinha proposto a pesquisadora, inúmeras outras questões/constatações foram surgindo, possibilitando sempre uma releitura do cotidiano escolar, local onde se associam e se confrontam culturas.

É praticamente impossível ler a apresentação descritiva dessa pesquisa sem sentir-se envolvido pelas diferentes situações relatadas e interpretadas e o envolvimento do pesquisador com o objeto pesquisado aparece com certa nitidez (p. 31). Toda a obra é um relato detalhado da observação realizada, que, na afirmação de Tura, vai ao encontro de sua proposição inicial: realizar uma “descrição densa” da escola. E, para realizar este precípuo objetivo, foi além do registro formal.

Compreende o espaço escolar como um local privilegiado de circularidade entre culturas; identifica a cultura docente como

cultura dominante e caracterizada por sinais de preconceito para com a cultura popular, transparecendo, assim, nos docentes, uma visão conservadora e tradicional da educação escolar, com pouca articulação entre o vivido como atividade pedagógica e o cotidiano dos alunos, bem como uma visão idealizada de escola e de aluno, de ambiente escolar.

A autora demonstra, descritivamente, que os elementos citados conjuntamente deslocam a análise dos processos de exclusão e de dominação subjacentes às práticas pedagógicas. A situação-problema pontuada propicia discursos ideológicos e idealizantes, bem como sua internalização e afirmação de mitos, como, por exemplo, o mito da imprescindibilidade dos conteúdos escolares e da visão salvadora da escola (p. 51-89).

A cultura discente, por sua vez, comporta formas de apropriação dos sentidos e dos significados no contexto escolar, indicando sinais de submissão à cultura docente, bem como elementos de integração grupal, construídos pelos alunos.

O formalismo da organização escolar, seus mitos e ritos objetivam a construção de certa homogeneidade de saberes, de posturas, práticas e de sentimentos, de verda-

des e subjetividades, impedindo e/ou obscurecendo o novo, o criativo, o engraçado, o visível ao olhar que quer ver. Em todo o contexto de dominação/submissão, desenvolvem-se formas de resistências, aqui, bem identificadas e descritas pela pesquisadora, como pequenas infrações, caretas, piadas, caricaturas, negação à participação, lentidão na realização das tarefas... (p. 111).

Apesar das resistências, os alunos absorvem os padrões, normas e estilos da cultura docente, marcando, assim, o fenômeno da “hibridação”, pois a dominação cultural docente por símbolos e significados é muito forte.

É mister considerar que existe um outro currículo-em-ação no interior das escolas, impregnado de sentimentos, de sonhos, sofrimentos e relações interpessoais.

A obra resenhada é uma leitura indispensável para a compreensão do contexto escolar, diverso e complexo. Propõe um outro olhar sobre a escola, como um espaço social do ensinar/aprender, onde estão indivíduos e grupos com sua posição social, sonhos, projetos, decepções, angústias, desesperanças, esperanças... interagindo constantemente, fundindo-se e confundindo-se na luta pela sobrevivência física, social, cultural e emocional.